



## ESTUDANTES, NARRATIVAS E LEMBRANÇAS EM TEMPO DA COVID-19

# A memória do “Ano de Recuperação”

A pandemia é uma situação extrema com que as comunidades humanas se confrontam, sempre no limite entre a vida e a morte. Traz à memória a experiência de viver em ambiente de paz ou em situação de guerra. Nas circunstâncias actuais, o conceito descritivo que podia ser usado para caracterizar a situação designaria um estado de excepção vivido hoje à escala global

*Luís Kandjimbo*

**O Estado de Emergência** a que a Covid-19 nos obriga pode ser assim comparado à guerra. Não sendo propriamente uma guerra civil, no sentido literal, entendido como um conflito armado interno que opõe um governo a uma organização militar não governamental de que resultam mil pessoas mortas durante um ano civil, as estatísticas das vítimas da pandemia são assustadoras, de tal modo que a comparação parece fazer sentido.

Em Março, quando se anunciava a declaração do Estado de Emergência em consequência da vaga de infecções por Covid-19, eu falava para um grupo de docentes universitários acerca dos efeitos da pandemia no nosso país e de suas semelhanças aos da guerra civil. A eclosão da guerra civil em Angola ocorreu seis meses antes da data marcada para a proclamação da Independência, após a desintegração do Governo de Transição, no âmbito da execução dos Acordos do Alvor a que se seguiram confrontos militares entre os três movimentos de libertação signatários desses acordos. De Julho de 1975 a Março de 1976 viveu-

se o primeiro estado de excepção nessa década. Os efeitos foram devastadores com confinamentos, escassez de alimentos, deslocamentos em massa e mortes.

No arquivo de lembranças individuais que conformam a memória colectiva angolana, encontramos uma diversidade de experiências traumáticas susceptíveis de serem transmitidas em contextos de aprendizagem, através de narrativas relativas ao passado.

A minha memória narrativa convoca uma experiência vivida há quarenta e quatro anos quando, em 1976, os estudantes do ensino secundário se viram obrigados a repetir um ano lectivo inteiro. Tal situação não ocorreu em Luanda porque, no contexto da Guerra Fria, a cidade capital era o último reduto intransponível. Foi um momento traumático para milhares de jovens angolanos, eufóricos e ansiosos por completar mais um ciclo da formação escolar. Como se pode calcular, não gostaria de ver adolescentes e jovens de hoje a viver semelhante experiência que consiste em suportar os custos de ver o ano lectivo interrompido ou anulado.

É que as consequências não são apenas individuais. São também colectivas. Afecta os destinos da comunidade de que todos fazemos parte.

Perante a interrupção da actividade das instituições de ensino superior, durante a conversa discutia-se acerca de três situações hipotéticas: 1) a duração prolongada do Estado de Emergência ou Calamidade e, consequentemente, a impossibilidade de reajustamento do ano académico; 2) a garantia do exercício do direito à educação, implicando a adopção de medidas administrativas de modo a evitar que os estudantes repitam o ano; 3) a alteração do calendário do ano académico 2021, implicando o adiamento do sonho de chegar ao ensino superior ou de prosseguir os estudos, especialmente dos estudantes de alto desempenho.

Recorri à memória individual desse trauma vivido em 1976, a que se convencionou chamar “ano de recuperação”. Todos estudantes do subsistema de ensino não universitário tinham sido obrigados a repetir o ano. Mas tudo tinha começado no ano anterior, quando a guerra civil tomou proporções extraordinárias, transformando-se em conflito

que, além dos movimentos de libertação nacional, passou a contar com a presença de forças militares estrangeiras cujo centro das atenções era Luanda. Por isso, o encerramento dos estabelecimentos de ensino, em Setembro de 1975, ocorreu numa altura em que tinha iniciado o novo ano lectivo.

Os meus colegas ouviram com atenção a narrativa feita de lembranças. Não faziam ideia nenhuma disso. Nunca ninguém lhes tinha falado acerca do assunto. Ao debatarem as suas opiniões percebia-se que a conversa gravitava à volta do impacto da pandemia da Covid-19. A maioria deles incidia sobre a segunda hipótese. Admitia a possibilidade de serem necessárias medidas administrativas para evitar que os estudantes repitam o ano. E considerava igualmente que deviam ser adoptados mecanismos de avaliação alternativa já que, não tendo a interrupção do ano académico permitido a leccionação dos conteúdos programáticos das disciplinas, a realização de exames seria impossível.

A pandemia declarada pela Organização Mundial da Saúde é um fenómeno global. Por isso, representa

uma oportunidade para nos interrogarmos acerca da nossa concepção de globalização. Chega-se à conclusão de que a gramática da globalização exige, ao mesmo tempo, o recurso à lógicas de relativização. Não podemos tomar os modelos dos outros, quando se sabe que a sua elaboração depende muito das suas experiências colectivas. Por exemplo, a UNESCO, o Banco Mundial e outras organizações intergovernamentais têm vindo a publicar estudos que apontam para a necessidade de estudos de caso nacionais. Mas há também organizações regionais que formulam as suas alternativas. É o caso da União Africana e organizações não-governamentais africanas.

No momento actual, as respostas possíveis à questão da interrupção do ano académico e suas consequências requerem o perfeito conhecimento da realidade, a valorização do que se vai fazendo pelo mundo e no nosso continente. A incompleta leccionação dos conteúdos programáticos das disciplinas e a impossibilidade de realização de exames, no contexto da crise pandémica, inspira dois tipos de respostas: a) reduzir o tempo de duração do ano

académico e adoptar mecanismos administrativos de validação dos estudos para evitar que os estudantes se sujeitem à repetição do ano; b) recorrer a instrumentos de avaliação alternativa em que a média das notas obtidas nos ciclos e anos precedentes seja o critério de base, permitindo que o estudante possa ter oportunidade para melhoria da sua nota em segundo exame.

Em 1976, não houve alternativas. Um ano após a Independência, as medidas adoptadas pelas autoridades públicas não reflectiam qualquer tipo de cálculo, relativamente aos custos subjacentes ao encerramento dos estabelecimentos e à repetição do ano lectivo. Quarenta e quatro anos depois, por força de uma pandemia global, a comunidade volta a confrontar-se com um desafio semelhante a um outro de que se tem memória.

Por essa razão, justifica-se que, em plena crise pandémica da Covid-19, a memória colectiva e os traumas sejam âncoras para decidir acerca do destino dos estudantes integrados nos diferentes subsistemas de educação e ensino, salvaguardando-se o exercício do direito à educação.

ANA BELA BAPTISTA TCHINDANDI

# Ex-vendedora ambulante virou empresária de renome

*Irmã mais velha de 17 irmãos, Ana Bela Baptista Tchindandi é uma mulher de sucesso no ramo empresarial. Começou a actividade empresarial em 1994, vendendo fuba, pão, bebidas alcoólicas, refrigerantes e petiscos, na cidade do Lobito, província de Benguela. Actualmente é proprietária da empresa “Bela e Filhos” e de um dos melhores mercados informais da cidade de Menongue, capital do Cuando Cubango, terra que a viu nascer*

NICOLAU VASCO | EDIÇÕES NOVEMBRO | MENONGUE



Lourenço Bule | Menongue

**Nascida na cidade** de Menongue em 1972, Ana Bela Baptista Tchindandi - Bela Tchindandi para os mais chegados - devido a guerra que assolou o país, e o Cuando Cubango em particular, deslocou-se para a província do Lubango em 1980, com a sua mãe, funcionária pública na altura, onde fixaram residência no bairro Santo António.

Bela Tchindandi começou por frequentar o ensino primário na Escola 4, na cidade de Menongue, passando depois para a escola da Machingueira, na cidade do Lubango.

Sem terminar o ensino médio e com apenas 18 anos de idade, isto em 1990, Bela Tchindandi passou a viver maritalmente com um membro das extintas Forças Armadas Popular de Libertação de Angola (FAPLA), no bairro Chimbuila, na cidade do Lobito, província de Benguela.

O marido de Bela Tchindandi passou para a reserva em 1991, com a patente de

capitão e começou a trabalhar como protecção física na antiga fábrica de cimento do Lobito.

Depois de dois anos o casal teve duas filhas e, dada a difícil situação económica e financeira da família, ela deu início ao seu primeiro negócio, em 1994, vendendo fuba de bombó e de milho na praça. Em 1995 passou a vender bebidas alcoólicas, refrigerantes e petiscos na praia da Restinga. Em 1997 concluiu finalmente o ensino médio, na especialidade de Gestão Empresarial, no Instituto Médio Politécnico do Lobito.

“A cidade do Lobito é bastante agressiva em termos de negócios, quer seja formal quer seja informal. Quando ia à praia me divertir aproveitava levar uma caixa térmica e fogareiro para vender bebidas e petiscos às pessoas que lá se encontravam”, disse Bela Tchindandi.

Depois de juntar uma boa quantia de dinheiro, em 2002, Bela Tchindandi juntou-se a um grupo de mulheres e passou a fazer viagens para o exterior do país, concre-

tamente para o Brasil, onde comprava chinelas do tipo havaianas e cabelo brasileiro para vender nos diferentes mercados das províncias de Benguela e do Cuando Cubango. Sempre que possível ela vendia cabelo brasileiro, roupas, calçados e peixe fresco e seco numa loja alugada em Menongue, pertencente a um senhor de nome Nobre.

#### Longa trajetória

Com a morte do marido em 2004, Bela Tchindandi regressou ao Cuando Cubango no ano seguinte, e ao lado de seu pai general João Baptista Tchindandi (Black Power), governador da província do Cuando Cubango no período 2002-2008, indicado pela UNITA no quadro do Governo de Unidade e Reconciliação Nacional (GURN), abraçou a ideia de firmar-se como empresária.

Sem grande conhecimento do sector empresarial, Bela Tchindandi pede ajuda à sua prima e empresária Minga Junqueira, para poderem investir na província do Cuando Cubango, onde começaram

a vender peixe fresco e seco e roupa usada (balões de fardo) em grandes quantidades na loja do senhor Nobre.

“Na altura a minha prima Minga Junqueira já tinha um carro de marca Nissan Patrol e fazíamos com ele todas as viagens para a província de Benguela em busca de produtos para comercializar. Passávamos vários dias na estrada, dormíamos sempre ao relento e os motoristas dos camiões que alugávamos questionavam sempre a nossa coragem”, recordou.

Nem tudo era um mar de rosas. Bela Tchindandi revelou que, depois de alguns anos, perderam mais de 400 toneladas de peixe, que estragou por falta de congelamento, visto que a cidade de Menongue enfrenta um grande défice no que tange à distribuição de energia eléctrica.

Viúva e mãe de duas menores, na altura, Bela Tchindandi, depois de perder uma boa parte do seu negócio, confiante, pediu crédito aos seus fornecedores na província de Benguela e nalgumas instituições bancárias,

que, prontamente, atenderam ao seu pedido. E assim continuou a comercializar diversos produtos na cidade de Menongue.

“O meu pai, na altura governador do Cuando Cubango, a empresária Minga Junqueira e o senhor Dassala ajudaram-me muito para eu me firmar no sector empresarial e no ramo de negócios. Tudo que sei devo à minha querida prima”, disse. Acrescentou que durante a sua trajetória no ramo comercial teve perdas incalculáveis de mercadorias diversas.

Ana Bela Baptista Tchindandi em 2006 constituiu a empresa “Bela e Filhos”, com objecto social que se estendia pelo comércio geral, construção civil, obras públicas, telecomunicações e prestação de serviços. Com apenas um funcionário.

Considerada algumas vezes como “testa de ferro” de seu pai, o general João Baptista Tchindandi (Black Power), Bela Tchindandi revelou ao *Jornal de Angola* que nunca pensou que um dia se tornaria numa grande mulher de negócios.

Constituída a empresa “Bela e Filhos”, um ano depois a empresária ganhou a obra para construção de uma escola de quatro salas no bairro Hoji-ya-Henda, na cidade de Menongue e em 2009 ganhou a obra para construção de algumas residências do tipo T3 no centro de acolhimento para pessoas portadoras de deficiência denominado “Kavikiviki”, situado no bairro Pandera. De lá para cá, a empresa “Bela e Filhos” construiu várias escolas públicas, residências e outras infra-estruturas sociais.

“Ser mulher é ser empreendedora, forte, determinada e nunca pensar em limitações para alcançar os objectivos preconizados”, disse. Acrescentou que quem não vive para servir, não serve para viver.

Actualmente a empresa “Bela e Filhos” está fixada na cidade de Menongue e em Calai e Dirico. Garante 25 postos de trabalho, todos ocupados por angolanos. O seu volume de negócios chegou a atingir mais de 200 milhões de kwanzas.

# A vida por um fio

NICOLAU VASCO | EDIÇÕES NOVEMBRO | MENONGUE

Com o volume de negócios em crescimento, em 2009 Bela Tchindandi, a caminho da vizinha República da Namíbia para compra de material de construção para conclusão da obra do Centro “Kavikiviki”, sofreu um acidente de viação, onde perdeu a perna esquerda e teve a vida por um fio.

O lado persistente de Bela Tchindandi e a sua característica de mulher forte e determinada fizeram com que, ao longo do seu percurso, não se sentisse discriminada por ser mulher e ter algumas limitações físicas por ter perdido a perna. Depois de recuperada ela continuou a trilhar o seu caminho.

Revelou que depois de ter sofrido o acidente que quase lhe levou a vida ganhou mais coragem para enfrentar os desafios. Disse acreditar que Deus lhe deu uma nova oportunidade de viver e lhe fez ver a vida com mais calma, serenidade, paz espiritual e vontade de vencer.

“Corria muito para ver se singrava na vida. Já não sou a mesma Bela, agora sou outra pessoa”, afirmou. Acrescentou que o acidente que lhe custou a perna esquerda foi um mal que veio para o bem, visto que a fez acreditar que, mesmo com inúmeras dificuldades, conseguiria alcançar os seus objectivos. Actualmente ela vive bastante tranquila, para ajudar e servir a Deus.

## Próximos desafios

Ana Bela Baptista Tchindandi confessou que a partir do próximo ano pretende firmar-se também no sector agrícola, visto que, no seu

entendimento, é a força motriz para alavancar o desenvolvimento económico e financeiro do país e da província do Cuando Cubango em particular.

Disse que tão logo consiga recursos financeiros irá apostar no ramo agrícola, para que a província do Cuando Cubango não dependa de outras regiões no que tange aos produtos do campo.

Salientou ser necessário que o Estado angolano, potencialize cada vez mais o sector agrícola, em termos de apoios técnicos, financeiros e inputs, para o aumento do Produto Interno Bruto (PIB) e da empregabilidade, libertando alguma pressão sobre o Executivo, que continua a ser o maior empregador.

Disse ser necessário que o sector bancário apoie os empresários nacionais dos diversos ramos de actividade, para que os empreendedores não cruzem os braços diante das oportunidades.

Segundo a empresária, o momento de começar é bastante difícil e sem apoio financeiro, principalmente da banca, a situação piora cada vez mais. Sustentou que apesar disso é necessário que os empreendedores encarem os obstáculos com persistência e resiliência.

Na qualidade de vice-presidente da Câmara de Comércio e Indústria do Cuando Cubango Bela Tchindandi disse que o ambiente de negócios a nível da região é estável e apelou aos empresários a associarem-se na Câmara de Comércio e Indústria.



NICOLAU VASCO | EDIÇÕES NOVEMBRO | MENONGUE

## Mulher de muita fé

**Ana Bela Baptista Tchindandi** é filha de João Baptista Tchindandi e Margarida Natália. Nasceu aos 23 de Novembro de 1972, na cidade de Menongue. É técnica média de Gestão Empresarial pelo Instituto Médio Politécnico do Lobito, província de Benguela.

Mãe de duas filhas, já tem três netos. Sabe cozinhar, tendo como prato preferido o calulu. Gosta de música gospel e romântica e os seus cantores predilectos são Roberto Carlos e Roberta Miranda.

Não é apaixonada da leitura, segundo diz, fruto das exigências que o seu trabalho impõe. Tem como cidades preferidas França e Itália, gosta de todos os perfumes franceses e de filmes românticos. Sonha ser, cada vez mais, uma boa pessoa e realizada.

Possui casa e carro próprios. Além de empresária Ana Bela Baptista Tchindandi é presidente da Mesa da Assembleia Geral da Associação das Mulheres Empreendedoras e vice-presidente da Câmara de Comércio e Indústria do Cuando Cubango.

Mulher de fé, temente a Deus, pertence ao grupo carismático da comunidade de Jesus, é membro do conselho paroquial e coordenadora da tesouraria da Sé Catedral Nossa Senhora de Fátima, do centro da cidade de Menongue. Ana Bela Baptista Tchindandi pertence ao grémio da OMA e milita no CAP nº 1 do MPLA na cidade de Menongue.



BONGA, PAULO FLORES E YURI DA CUNHA

# Trio de músicos “prende” angolanos em casa

A tarde do passado domingo (28) constará dos anais da música angolana ao reunir num mesmo concerto Bonga, Paulo Flores e Yuri da Cunha, representantes das três gerações de músicos angolanos em actividade. O trio foi responsável pela “paralisação” do país com o concerto realizado no Teatro São Jorge, em Lisboa, e transmitido em directo pela TPA, RTP África e nas plataformas digitais



Analtino Santos

**Denominado 3G** do Semba, o concerto foi uma aula magna de angolanidade assente na rítmica e sonoridade. Teve carácter solidário e visou angariar donativos para a Fundação Ana Carolina, vocacionada para o apoio, tratamento e acompanhamento de crianças carenciadas portadoras de patologias crónicas do foro neurológico.

O concerto, pelos dados empíricos, já que, lamentavelmente, não foi objecto de estudos de audiência, terá sido um dos mais vistos em Angola. A própria TPA terá atingido um dos mais elevados picos de audiência de toda a sua história. Nas redes sociais, foram inúmeras as referências ao espectáculo, que chegou a ser dos assuntos mais comentados no Twitter em Portugal. Numa simples observação às páginas do Facebook e Instagram de figuras públicas e anónimos angolanos é possível notar as várias publicações e referências ao encontro musical

de gerações. O concerto foi tema de conversas elogiosas também nos táxis, nos ambientes familiares e nos locais de trabalho. Raramente um concerto musical conseguiu tanta unanimidade relativamente à sua óptima qualidade e sentido de oportunidade.

#### Das “estranjas” para a banda

Bonga, Paulo Flores e Yuri da Cunha reuniram em palco grandes nomes da música angolana, como Betinho Feijó, director artístico de Bonga e dos mais respeitados produtores nacionais, nas guitarras ritmo e solo, Ximbinha nos solos em alguns temas, e o promissor baixista Mayo Bass, que foi alternando com Carlitos Tchiema. O percussionista João Ferreira esteve em sintonia com o axilunda Galiano, respeitado compositor que esteve nas congas e dikanza. A bateria foi partilhada por Dino Silva, Ivo Costa e Gildo Umba. Ciro Bertini tocou o acordeão, Gobliss os teclados e o guineense Manecas Costa de-

dilhou a guitarra, trazendo aos ouvidos da audiência as malhas do seu Gumbé. Houve quem, num exemplo típico do humor corrosivo das redes sociais, sugeriu que os músicos deviam ser chamados a prestar declarações na PGR “pelos estragos emocionais” que causaram no auditório.

O concerto musical começou com o “muadiakima” Bonga a soltar a interventiva “Balumukueno”, lançada em 1972, ano de nascimento de Paulo Flores, que, respeitosamente, “apropriou-se” de um dos clássicos de Bonga: “Iliá”. De seguida, houve a bela homenagem “Obrigado, Kota Bonga”. Desta forma, não foi necessária a orientação “Fica em Casa”, porque estava a desenhar-se uma tarde com fortes motivos para a permanência em casa.

Depois da interpretação de “Kandengue Atrevido” Bonga reconheceu o contributo de Paulo Flores e Yuri da Cunha para a música angolana, sublinhando que são dignos do seu respeito. O jo-

vem-septuagenário (77 anos) cantou e encantou em “Marimbondo”, “Água Rara”, “Kamacove”, “Olhos Molhados”, “Cambuá” e “Dikandumba”, dentre outros sucessos que marcam o seu percurso artístico.

Paulo Flores e Yuri da Cunha foram cuidadosos ao colocarem no alinhamento musical os seus principais sucessos, ambos fazendo uma incursão pelo Semba, a Kizomba e os lamentos que os notabilizaram. Ti Paulito com “Poema do Semba”, “Coisas da Terra”, “Reencontro”, “Cherry”, “Garina”, “Inocenti”, “Minha Velha” e outras obras do seu processo criativo que já vai longo suscitou muitas memórias antigas. Por sua vez “Mr. Pulungunza”, o próprio Yuri da Cunha, colocou no alinhamento os sucessos “E tudo mudou”, “Regressa”, “Makumba”, “Homem é Bom”, “Kuma Kwa Kwie” e outros.

Não ficaram de fora os bem conseguidos duetos entre os compadres Paulo Flores e Yuri da Cunha, nomeada-

mente, “Kandengue Atrevido”, uma perfeita adaptação de “Moleque Atrevido” do brasileiro Jorge Aragão, assim como a versão feita ao tema de David Zé “Rumba Za Tukine”, mostrando que eles vieram de longe e que bebem da fonte. A mais recente safra desta parceria, “Njila ia Dikanga”, não tinha como não ser tocada.

Os dois ainda reservaram um momento para homenagearem Teta Lando em temas como “Eu vou voltar”, “Angolano segue em frente” e “14 Chuvas”. Durante o concerto várias vezes foi feito o apelo para ajudar a Fundação Ana Carolina, localizada no bairro Benfica, em Luanda, que tem apoiado crianças com problemas neurológicos e paralisia cerebral. Segundo Paulo Flores, essa tem sido a causa de um pai que, depois de perder um filho com este quadro clínico, tem dedicado a sua vida à Fundação. Isto sensibilizou o trio de músicos, assim como a Movicel, uma das principais parceiras na produção do concerto.

Numa tarde em que Bonga Kwenda, mais uma vez, mostrou que é na fonte da terra que o viu nascer que vai beber a razão de ser da sua criatividade, a dikanza, a ngoma e a puíta foram os instrumentos que tocou tanto nas suas interpretações individuais como nas colectivas. O sucesso “Mona ki ngui xiça” foi cantado em trio, assim como a rapsódia final, onde o semba, a rebita, a kabetula, a kazukuta e outros ritmos do carnaval contribuíram para um final feliz e animadíssimo. Como ponto final da emissão “Gingonça” foi mais um contributo do kota.

O fim do concerto foi o início de uma série de publicações, manifestações de apreço e até de votos de agradecimento à TPA, que parece ter acertado, finalmente, no regulador do volume de som da emissão. Angola chorou, dançou e reencontrou-se. É caso para dizer que agora, parafraseando Teta Lando, “os nossos mortos vão compreender porquê que morreram afinal”.

## QUANDO TODOS ERAM FELIZES MAS NÃO SABIAM

## Um passeio pelos anos 80

Junho pode ser considerado o mês do pico dos “lives” em Angola, com a migração dos mesmos para as principais cadeias televisivas. O *Jornal de Angola*, mais uma vez, ficou de olho na tela e, à semelhança dos resumos desportivos, destaca os principais “trumunos”. No final da tarde de sábado da semana passada a Nova Energia estreou um novo conceito do Show do Mês, revivendo as músicas que marcaram os anos 80

Analtino Santos

**Calabeto, Clara Monteiro,** Voto Gonçalves, Carlos Baptista, Chiley, Dually Jair, Cândido Ananás, Sanguito, Robertinho, António Paulino, Dina Santos e Givago foram os escolhidos pela produção e os principais responsáveis pela euforia nacional que marcou aquele dia.

Parte dos instrumentistas que fizeram o suporte do concerto nasceram décadas depois dos temas que tocaram. Por exemplo, Jack Spin, o baterista e Chinguma, no saxofone, ainda nem atingiram os 23 anos. O percussionista Alexandre, o guitarrista Yark, o director artístico e tecladista Benny, assim como as coristas Raquel Lisboa e Neide da Luz, nos anos 80 possivelmente ainda nem estavam nas projecções e, por outro lado, “los companheiros” cubanos Lázaro e Rigoberto o que ouviam de Angola era a presença de cubanos como internacionalistas e dos bolseiros na Ilha da Juventude.

Kizua Gourgel, o apresentador, reviveu momentos daquela época, reconheceu que fez uma autêntica viagem ao passado, pois muitos dos artistas presentes partilharam o palco com o seu pai Beto Gourgel. Carla Castro, jornalista da Rádio Nacional,

também confessou que voltou ao tempo em que animava os programas juvenis do então Canal A. E quando viu a capa do LP do Top dos Mais Queridos ela recordou que foi a apresentadora da final deste concurso ao lado de Beto Gourgel. Miguel Tumba e Maneco Vieira Dias, outros elementos do painel de comentadores, realçaram, igualmente, as suas vivências da época em que poucos lares tinham televisores e muitos cidadãos iam ver televisão nas comissões de bairro. Com o passeio musical, quem viveu essa época não teve como não pensar nas bichas (não filas) à porta das lojas, padarias e talhos, nos cartões de abastecimento, no acolher obrigatório, na fuga às rusgas para não ir à tropa, no acesso à Universidade que era feito administrativamente por “encaminhamento”, nos cupões publicados no *Jornal de Angola* para votar no Top dos Mais Queridos, nos telediscos da TPA, nos dribles do Ndunguidi, nos golos do Jesus, nas bandejas e mesas de bar e restaurantes recheadas de finos, nos menús invariáveis de arroz com peixe frito e tantas outras coisas do tempo da República Popular de Angola que os mais-velhos viveram e que os kandengues de hoje não imaginam sequer.

**Do baú do Dimba Dya Angola**

O “showman” Calabeto foi o primeiro artista a apresentar-se em palco. Com “Tussocana Kiebi” mostrou o seu poder de eloquência e deixou a sua marca com a saudação e orientações de prevenção à Covid-19. Nos outros momentos ainda fez vibrar os telespectadores com “Nguami Maka” e, na sua última passagem, com uma rapsódia onde o coro “Quando as Fapla chegarem” aqueceu o Cacimbo. E, finalmente, não deixou de contar, de modo cantado, a história da mulher que não sabia lavar. O músico nos anos 80 tinha um restaurante que era ponto de encontro de artistas e jornalistas que mesmo sem dinheiro comiam e bebiam. Foi daí que ele ganhou o cognome “Kota Bwé”.

Clara Monteiro primeiro brindou o público com “Angola Tropical”, canção que fala das coisas boas que o país tem. Depois cantou a história de Zito, em “Monami”, levantando todo um conjunto de recordações prazerosas da sonoridade do antigo conjunto Instrumental 1º de Maio. Aliás Teddy, um dos sobreviventes daquela banda, aproveitou para mostrar como se dedilhava a guitarra nos anos 80.

Dina Santos, a segunda voz que representou a força da música feita pelas mu-

lheres naquela época, desfilou com um dos seus principais sucessos, o agitado “Anel”. A autora de “Kassequel” mostrou que ainda tem muito para dar e que está no ponto.

Sanguito, antigo colega das cantoras no falecido “Semba Tropical”, formação que, de certa forma, esteve em grande no alinhamento com vários temas originalmente tocados por si, tocou “Pôr-do-sol”, um dos primeiros instrumentais de sopro da música popular urbana angolana. Cândido Ananás, músico do Namibe que conquistou o país com “Belezas Naturais”, apresentou este que é o seu principal cartão-de-visita e revelou que nesta composição teve o auxílio de um atlas geográfico editado pelo Ministério da Educação, tendo, com isso, conhecido melhor o país e desistido da ideia de fazer um tema para a sua província, sua pretensão inicial.

O kota Voto Gonçalves começou com o sentimental “Nga Biti Mua Leba”, o lamento de Candinho, seu amigo e outro ex-integrante do Semba Tropical. “Nza Kumba”, uma parceria com Xabanú, mexeu com todos. Dually Jair mostrou o que fez no passado. “Boite em Boite”, um rock “made in Angola” dos anos 80, foi o seu tema de abertura; depois puxou

a “Kizaka”, com o pitéu angolano a ter um inusitado sabor musical. Robertinho tirou da cartola o seu “slow” imorredouro “Desespero” e mostrou toda a sua “pulungunza” em “Kakinheiro”.

Dos autores que ajudaram em muitos engates juvenis, Carlos Baptista brindou o auditório com “Imaginação” e “Enquanto Espero”. Esta última música ficou marcada na memória colectiva pelo teledisco (vídeo-clipe) realizado pela dupla Dias Júnior e Nguxi dos Santos. Já Shiley, um autêntico contador de histórias românticas, passeou-se no pequeno écran com “Corriço” e “Triste História”.

O segmento da trova não ficou de fora do concerto, com uma singela homenagem a José Kafala por Lídio Gomes, que interpretou “Renúncia Impossível”, por sua vez uma homenagem à poesia de Agostinho Neto.

António Paulino regressou ao início dos anos 80 quando era o artista que todos esperavam na Tourada, no Cine Karl Marx e noutros lugares, de preferência com os Kiezos. O cantor revelou ao *Jornal de Angola* que, quando o tema “Pontapé” estremeceu e fazia sucesso na Tourada, era soldado da Marinha de Guerra, afecto à Direcção Política, tendo sido, muito por causa do sucesso desse tema, promovido à patente

equivalente a subtenente. Dizer aqui que a Marinha de Guerra deu à música angolana um outro cantor notável: nada mais nada menos que Sabino Henda, o criador e intérprete de “Embrião”. António Paulino fechou a sua actuação com “Jinjinda”, que muitos recordam, entre outras coisas, pela saborosa frase “Ala possas mé”, os toques da barriga e o seu icónico “pontapé”, já à época bastante ampliado pela TV.

Givago, homem do Marçal, outro artista de sucesso nos anos 80, também soltou a sua voz. A história das idas de Marcela às casas de diversão nocturnas e dos homens que ela dizia serem apenas amigos seus foi dançada com fúria em “Ramiro”. Mais uma vez, o artista reiterou que na música não faz a apologia da violência doméstica. Mas uma coisa é certa: a letra não poupa as mulheres. Enfim, acaba por ser um documento que ilustra o espírito da época. A música com que fechou a sua actuação, “Avô Teté”, é uma sátira a uma velha gaiteira.

Histórias à parte, o concerto encerrou em grande com a boa dança de todos, a animação de Calabeto e o toque do Nketo moderno de Miguel Tumba com Mias Galheta, Teddy e Xico Santos a tocarem como os colegas do antigo conjunto “Fenomenal” fizeram entre 1985 e 1989.



**EMPREENDEDOR ANTÓNIO LUCIANO****Engenheiro de telecomunicações influenciador de projectos para a juventude**

*Envolvido em várias actividades de carácter social, sem fins lucrativos, António Luciano assume-se como um grande influenciador de projectos para a juventude. A “febre” pelo empreendedorismo surgiu na Rússia. No último ano da sua formação superior na área de engenharia de telecomunicações, o jovem teve a ideia de criar uma marca de roupa “The Bantu”*

José Bule

Há sete anos, António Manuel N’gunza Luciano tinha 21 anos quando ganhou uma bolsa do Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de Estudo (INAGBE). Foi à Rússia. No primeiro ano, nas terras de Vladimir Vladimirovitch Putin, sentiu imensas dificuldades de adaptação à língua e ao clima, tendo, no segundo, melhorado a interacção com os nativos.

O jovem, que permaneceu naquele país europeu de 2011 à 2016, considera a Rússia como a sua segunda pátria, e lembra com saudade de alguns colegas e professores. “Tive docentes muito bons, como o Rini, que dava aulas de Introdução à Eletrónica”, disse.

Durante o período de formação, acrescenta, fiz muitos amigos, mas o que mais me marcou foi o Daud Taw-

feeq, da Palestina. A nossa amizade continua firme até hoje. Ele é como um irmão para mim. Estamos sempre a conversar, através das redes sociais”, diz. Na Rússia, o jovem, que conta agora 28 anos, era sempre seleccionado para participar em vários concursos desportivos e culturais, organizados pela Universidade Estatal Rádio Técnica de Ryazan, onde obteve o grau de licenciatura na área de Tecnologias de Informação e Sistemas de Comunicação.

Na cidade de Ryazan, Luciano transformou-se num notável professor de dança semba, e ganhou algum dinheiro que, segundo ele, chegava para suprir várias necessidades. “Com o dinheiro que ganhava, comprava roupas, alimentação e outras despesas com a universidade”, confessa.

Foi contra a vontade da sua mãe, Rosa Francisco Alberto Ngunza, que regressou ao país no mesmo ano em que terminou o curso superior de engenharia de telecomunicações, em finais

de 2016. O desejo de começar a dar o seu contributo à nação obrigou-o a não satisfazer a vontade da sua progenitora. “A minha mãe queria que eu permanecesse na Rússia até concluir o mestrado. Mas sentia que já tinha chegado a hora de dar o meu contributo à nação. Decidi voltar à Angola, porque sempre acreditei no meu país”, afirma.

Em Angola, António Luciano permaneceu apenas dois anos na capital do país (Luanda) antes de transferir-se para o Brasil, onde frequenta agora um curso de mestrado no Instituto Nacional de Telecomunicações (INATEL), na localidade de Sapucaí, em Minas Gerais.

Luciano conta que não teve vida fácil em Angola. “Tive vários momentos bons e maus, também. Algumas das coisas boas, foi rever a minha família (pai, mãe, irmãos, tios, primos) e ver que a juventude estava focada nos estudos, além de manifestar grande interesse em trabalhar ou fazer alguma coisa útil à sociedade”, refere.



# O sonho de trabalhar na Unitel

**Convencido** que, depois da formação conseguiria obter facilmente um emprego logo à chegada, pelo menos era essa a certeza que ouvia da boca de amigos e familiares, no terreno Luciano viu que não era bem assim. “Voltei vaidoso da Rússia. Pensava que a formação no exterior do país era suficiente para começar logo a trabalhar. Enganei-me”, diz, para de seguida lembrar-se das dificuldades que encontrou na procura de um emprego.

“Vivi dias de profunda depressão. Só pensava em desistir de tudo. Não queria saber de mais nada. Testei em várias empresas de telecomunicações e passava sempre nos testes, mas quando chegava a hora de ir trabalhar, acontecia sempre alguma coisa. Nem mesmo com as influências da minha mãe, e do meu primo Yuri da Cunha, consegui o almejado emprego”, explica desolado.

Envergonhado, António Luciano começou a sentir-se mal. A sua auto-estima baixou. Já não conseguia encarar os amigos. “Eu lhes dizia sempre que, tendo em conta a minha formação na área de engenharia de telecomunicações, não encontraria dificuldades nenhuma para conseguir um emprego”, recorda o jovem, que pensava que podia trabalhar em qualquer lugar do mundo, mas o sonho era estar na Unitel.

Recorda, com profunda tristeza, o dia que se candidatou à uma vaga naquela empresa de telecomunicações. Do ponto de vista psicológico, Luciano não estava bem. Não conseguiu sequer dizer o seu nome, nem responder algumas questões ligadas à área em que se formou. “A Unitel é um sonho antigo. Agora já não sei se ainda quero isso. Mas naquele dia, estava mesmo muito desanimado. Depois de tantas quedas, já não tinha esperanças de conseguir um emprego tão cedo”, justifica.

Luciano regressa triste à casa. Vivia com o primo Yuri da Cunha, a esposa e os filhos do músico. Chorou muito, naquele dia. “Parecia uma criança. Liguei para o Mateus, que estava na Rússia a frequentar um curso de mestrado, e disse-lhe que não queria mais saber de nada. Falamos mais ou menos durante quatro horas. Mas os conselhos dele foram bastante úteis”, valoriza.

## Empresa LCE BANTU TECNOLOGIA

Alguns minutos depois da longa conversa com o amigo Mateus, o jovem adormeceu. No dia seguinte leu, numa das páginas do *Jornal de Angola*, uma matéria que falava de um programa do Governo que iria financiar às pequenas e médias empresas. No banco, António Luciano tinha os últimos 100 mil Kwanzas da sua vida, e foi com esse di-

neiro que constituiu, em 2017, a empresa LCE BANTU TECNOLOGIA.

Depois de receber a documentação da empresa, convidou dois amigos, o Cláudio José, especialista em redes de computação, e a Gizela, formada em finanças e gestão de empresas, à fazerem parte da sociedade.

Luciano sempre acreditou mais nas relações interpessoais do que no dinheiro. Para arrancar com actividade, foi a uma loja de venda de equipamentos de vídeo segurança. Falou com os gestores da mesma sobre os serviços que a sua empresa de prestação de serviços podia fazer.

“Depois disso, passamos a fazer contratos para montagem de câmaras de vigilância e era naquele estabelecimento comercial onde íamos buscar os equipamentos todos”, revela, acrescentando que o orçamento do trabalho de instalação apresentado ao cliente já incluía o valor dos equipamentos.

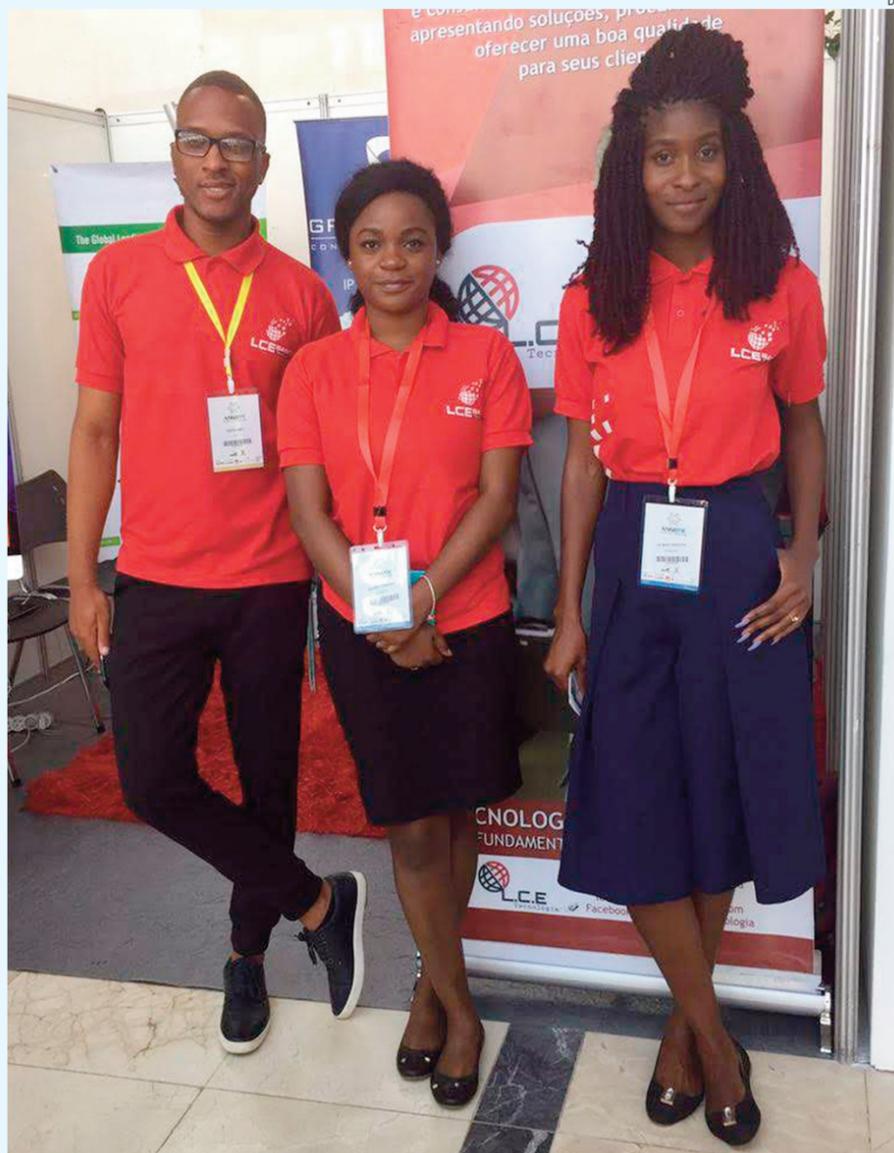
Com o escritório localizado no Morro Bento, Distrito Urbano da Samba, município de Luanda, a LCE BANTU TECNOLOGIA é uma empresa de direito Angolano dotada de personalidade jurídica, constituída aos 4 de Maio de 2017, cuja actividade principal consiste na prestação de serviços em tecnologias de informação, análise e implementação de sistemas informáticos, segurança electrónica, sistemas de gestão de processos em ambientes corporativos e serviços gráficos.

António Luciano disse que a empresa conta com um total de 12 funcionários, que além de realizarem trabalhos administrativos desdobram-se em acções de instalação de câmaras de vigilância e equipamentos de telefonia IP, Internet, softwares de gestão e alarmes para residências. A firma também promove acções de formação nas áreas de informática e manutenção de computadores, e dá consultoria a singulares e empresas.

“Já participamos no maior evento de tecnologia do país, denominado Angotic. Eu amo participar neste evento. Ali firmamos parcerias e assinamos vários contratos. Somos uma pequena empresa que gosta de ficar no meio dos gigantes”, realça.

Olhando para tudo o que passou, quando estava a procura de emprego, o jovem hoje acredita que os diplomas garantem apenas o posicionamento de um determinado indivíduo dentro da instituição em que estiver a trabalhar. No passado, Luciano pensava que a formação superior era tudo e mais alguma coisa. Só queria saber de estudar, tirar boas notas e mais nada. Mas hoje já não vê a vida desta forma.

“Quando fui para o mer-



cado do emprego, percebi que eu só tinha muitas teorias. Não tinha noção de como é que as coisas funcionavam realmente. Encontrei, em Angola, muita gente com cursos técnico-profissionais ou básicos, com muito mais experiência e conhecimentos técnicos do que eu. Por isso aconselho os jovens a apostarem mais nesse tipo de formação”, apela.

## Roupas “The Bantu”

Envolvido em várias actividades de carácter social, sem fins lucrativos, António Luciano assume-se como um grande influenciador de projectos para a juventude. A “febre” pelo empreende-

dorismo surgiu na Rússia. No último ano da sua formação superior na área de engenharia de telecomunicações, o jovem teve a ideia de criar uma marca de roupa “The Bantu”.

Organizou uma festa de fim de ano, e os Russos ficaram encantados com o logotipo que mandou estampar nas camisolas utilizadas no evento. Depois disso, passaram poucos dias quando, de repente, começaram a “chover” solicitações para produzir mais camisolas. “Eles gostaram muito. Foi a partir daquele dia que resolvi desenhar roupas e ganhar algum dinheiro com isso”.

“Desenhava as roupas e depois enviava as maquetes

a várias fábricas na Rússia, Lisboa (Portugal) e Istambul (Turquia). Nunca tivemos a oportunidade de fazer as coisas em Angola”, sublinha.

Quando regressou da Rússia, em finais de 2016, a marca de roupa “The Bantu” já estava consolidada. Mas, Luciano nunca levou à sério a profissão de designer de moda. Justifica que, apesar de receber muitas solicitações, essa actividade não passa de um “hobby”. Cria roupas por prazer.

“Produzimos camisolas, calças, mocetões e chapéus. Fazemos de tudo um pouco, e já participamos em três concursos de moda, em Luanda, como o Moda Angola, Moda Jovem, e o Moda Solidário.



Também participamos no Moda Tundavala, na cidade do Lubango, província da Huíla”, diz.

O jovem empreendedor António Luciano considera que, a sua participação nesses eventos foi extremamente positiva. Afirma que muitos apresentadores de televisão, sobretudo os da Zap e vários artistas famosos utilizam roupas de marca “The Bantu”.

“A nossa marca é muito conhecida na Rússia, principalmente pela comunidade estrangeira, e também em Angola”, avança o criador de roupas, que agradece à Deus pela sua grandiosidade, à mãe Rosa Francisco Alberto Ngunza, que considera ser uma mulher batalhadora, que trabalha com amor para sustentar a família. “A minha mãe é o meu maior símbolo de motivação”, declara.

Aos primos, Ismael Mulemba “Man velas” e Yuri da Cunha, o jovem engenheiro de telecomunicações e designer de moda agradece o primeiro, por ter sido aquele que mais contribuiu para que ele pudesse alcançar a excelência. Lembra como se fosse hoje. Depois de concluir o ensino médio, passou num teste realizado na Sonangol, para cobrir uma das vagas de marinheiro. Iria trabalhar nas sondas e, por isso estava muito feliz.

“Liguei para a minha mãe, e ela ficou muito feliz com a notícia. Mas tinha a responsabilidade de dizer pessoalmente ao Man Velas o que tinha conseguido. Fui até ao escritório dele”, conta.

Acrescenta que saiu de lá um pouco triste. O primo aconselhou-o a adiar o emprego e seguir com a bolsa de estudo para a Rússia. “Mas, hoje estou formado e agradeço muito a ele”, afirma.

Segundo António Luciano, o músico Yuri da Cunha é outra das pessoas que sempre o incentivou à continuar com os estudos. Dizia-lhe para acreditar sempre. Por isso o considera, também, como sua fonte de inspiração. “Mas, também admiro muito o Presidente da Federação Russa, Vladimir Vladimirovitch Putin, pela forma patriótica como dirige a sua nação. Para mim, ele é um grande líder”, concluiu.



**Luciano sempre acreditou mais nas relações interpessoais do que no dinheiro. Para arrancar com actividade, foi a uma loja de venda de equipamentos de vídeo segurança**



## IDEIAS GERAIS E REFERÊNCIAS ONLINE

# Auto-capacitação em tempos de pandemia

Invista em você se auto-capacitando com as melhores universidades do Mundo e aproveite o lado positivo da pandemia

Tânia J. A. Costa \*

“**Confinamento**”, “isolamento”, “distanciamento social”, “quarentena”, “pandemia”, “Covid-19”, “novo coronavírus”, “assintomáticos” e “cerca sanitária” são algumas das muitas expressões que, hoje, fazem parte da nossa realidade e que de alguma maneira deixam-nos assustados, estressados e ansiosos.

Vivenciamos períodos sombrios e um amanhã quase que incerto que, quando não afectam a nossa saúde mental, ao menos nos deixam inquietos. No entanto, estes são momentos em que o que não se deve mudar é a nossa vontade de estar preparado para as oportunidades.

“É melhor estar preparado para uma oportunidade e não ter nenhuma, do que ter uma oportunidade e não estar preparado” - Whitney Young Jr.

Períodos de crise podem nos fazer enxergar “fora da caixa” e alcançar habilidades por via de formação, autodidactismo e auto-capacitação. Como nem tudo é mau de todo e existe sempre o lado

positivo até na pior das desgraças que nos acometem, a pandemia trouxe também uma excelente oportunidade para quem é verdadeiramente interessado no seu futuro, na sua carreira, na sua progressão intelectual, formação complementar e aumento das competências técnicas e comportamentais, com a disponibilidade de inúmeras formações gratuitas online.

A formação é o pilar fundamental para o crescimento e desenvolvimento das sociedades modernas, sendo que uma escolha assertiva na formação é uma aposta valiosa face aos desafios tecnológicos e científicos da era global, potenciando o sucesso no mercado de trabalho, o alcance de objectivos profissionais e pessoais, por meio do enriquecimento do curriculum vitae.

“As espécies que sobrevivem não são as mais fortes, nem as mais inteligentes, e sim aquelas que se adaptam melhor às mudanças” - Charles Darwin.

Vivemos num tempo de rápidas e permanentes mudanças e enormes desafios

e a situação actual exige de nós uma grande capacidade de adaptação, disciplina e resiliência.

Diante da comoção universal gerada pela Covid-19, diversas instituições de ensino e prestigiadas universidades em todo Mundo adoptaram como medida de prevenção e com vista a minimizar o tédio e preservar a saúde mental, uma gama variada de cursos gratuitos online com certificado em áreas como: administração pública, economia, finanças, educação, ciências humanas, negócios, inglês, literatura, informática, saúde e muitos outros.

Para beneficiar dos referidos cursos, o único requisito transversal e imprescindível é o acesso à internet e um computador ou um telefone digital. Angola conta com 125 pontos de acesso gratuito à Internet em diferentes locais públicos, resultado do projecto “Angola Digital” (fonte: portal Angop).

Dos 125 pontos de acesso à internet grátis em banda larga, através da rede wi-fi, dez pontos encontram-se instalados no mu-

nicípio do Cazenga. Por outro lado, foi criado no colégio público designado 3042 (Angola e Cuba), uma biblioteca digital com acesso gratuito à internet e 47 computadores equipados, permitindo maior inclusão tecnológica dos cidadãos interessados.

Concomitantemente, Angola conta com oito redes de mediatecas em diferentes províncias, com o nobre objectivo de incentivar o uso de meios informáticos e ser uma fonte para pesquisas nas mais diversas áreas do saber, visando dotar e elevar o conhecimento da população. O uso dos aparelhos informáticos nas mediatecas é gratuito para todos, por meio do registo presencial com uma taxa única de 2000 kzs para cobertura dos custos de emissão e produção do “Cartão de Utente” válido por um ano em todas as redes de mediatecas do país.

Invista em você se auto-capacitando com as melhores universidades do mundo e aproveite o lado positivo da pandemia.

\* Consultora de carreira e negócios

## Sites e referências online

### Links úteis

<http://www.mediatecas.gov.ao/ao/> (localização das Mediatecas)

<https://www.infosi.gov.ao/ao/infosi/projectos/> (localização dos pontos de acesso gratuito à internet)

### Bibliotecas virtuais

<http://www.elivros-gratis.net/>

<https://www.amazon.com.br/b/?ie=UTF8&node=6311441011>

### Websites dos cursos gratuitos

A plataforma Nosso Saber é um produto 100% Angolano, criada em 2020, acessível e com a qualidade que o sistema de aprendizagem e-learning permite. (ANGOLA)

<https://nossosaber.inapem.gov.ao/site/cursos/> (Confederação Empresarial da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CE-CPLP))

<https://www.ifcplp.org/>

FGV-Fundação Getúlio Vargas (Brasil)

<https://educacao-executiva.fgv.br/cursos/online>

Universidade de São Paulo (Brasil)

<https://www.coursera.org/usp>

Fundação Bradesco-Escola Virtual (Brasil)

<https://www.ev.org.br/cursos>

Harvard University (USA)

<https://www.edx.org/school/harvardx>

Yale (USA)

<https://www.coursera.org/learn/global-financial-crisis>

Universidade de Cambridge (Reino Unido)

<https://www.cambridgeenglish.org/learning-english>

Universidade de Oxford (Reino Unido)

<https://www.edx.org/school/oxfordx>